

Programa ACT: Aprendizagens de mães sobre suas práticas parentais e o comportamento infantil

Luciane Guisso

Maria Aparecida Crepaldi

Mauro Luís Vieira

Resumo: O objetivo do presente estudo foi caracterizar as aprendizagens de mães, concluintes do Programa ACT, em relação a suas práticas parentais, envolvimento materno e comportamento dos filhos. Participaram do estudo sete mães de crianças com idade de dois a oito anos. Após a conclusão dos oito encontros do Programa ACT, as participantes foram convidadas para participar de um grupo focal. Perguntas norteadoras foram utilizadas para guiar a discussão, que foi gravada em áudio e vídeo. Os relatos dos encontros foram transcritos e organizados em categorias temáticas. Foram organizadas quatro categorias temáticas: i) Busca pelo Programa ACT; ii) Contribuições do Programa ACT para a parentalidade; iii) Envolvimento Materno; iv) Importância da interação do grupo no Programa ACT. As mães destacaram que o Programa ACT possibilitou a aquisição de conhecimentos sobre práticas parentais e comportamento infantil, facilitando o envolvimento com os(as) filhos(as), além de ter sido um espaço grupal de escuta e apoio sobre as angústias vividas na maternidade.

Palavras-chave: práticas parentais, envolvimento materno, comportamento infantil.

ACT Program: Learning experiences of mothers about their parenting practices and child behavior

Abstract: The objective of this study was to characterize the learning of mothers who completed the ACT Program in relation to their parental practices, maternal involvement, and child behavior. Seven mothers of children aged two to eight years participated in the study. After attending the eight meetings of the ACT Program, participants were invited to join a focus group. Guiding questions were used to trigger a discussion, which was recorded in audio and video. The meeting were transcribed and its content was organized into thematic categories. Four thematic categories were established: i) Search for the ACT Program; ii) Contributions of the ACT Program to Parenting; iii) Maternal Involvement; iv) Importance of Group Interaction in the ACT Program. The mothers pointed out that the ACT Program enabled knowledge acquisition on parental practices and child behavior, facilitating their involvement with their children, in addition to being a group space for listening and support regarding the anxieties experienced during maternity.

Keywords: parental practices, maternal involvement, child behavior.

Introdução

A presença dos pais na vida da criança é reconhecida como um fator preditor do desenvolvimento humano (Boonk, Gijsselaers, Ritzen, & Brand-Gruwel, 2018). As interações estabelecidas entre pais e filhos(as) possibilitam os primeiros laços emocionais, esquemas cognitivos e relacionais da criança (Russo, Rebessi & Neufeld, 2021). Pesquisas atestam que os papéis parentais assumidos pelos cuidadores são fundamentais para o pleno desenvolvimento infantil (Coe, Dallosa, Stendomna & Rydin-Orsinb, 2021; Schmidt, Gomes, Bossardi, Bolze, Vieira & Crepaldi, 2019).

Em relação à figura materna, mesmo diante das mudanças sociais, econômicas e culturais vivenciadas ao longo dos anos, a mãe continua assumindo boa parte da responsabilidade no cuidado e educação dos(as) filhos, além de exercer o trabalho remunerado (Garcia & Viecili, 2018). A mãe é a grande protagonista nas atividades de cuidado e acompanhamento, tendo em vista as expectativas culturais de que esteja presente fornecendo todo o suporte para a criança (Milkie, Bowling & Denny, 2015).

O *envolvimento direto da mãe* no cuidado infantil proporciona resultados positivos para o desenvolvimento da criança. Nesse sentido, a utilização de práticas parentais adequadas contribui para o aumento da sensação de segurança da criança, refletindo em maior exploração do ambiente em que se encontra, o que proporcionará melhores chances para um bom desenvolvimento cognitivo e aquisição de habilidades sociais. Prejuízos provocados na interação mãe-criança podem afetar o desenvolvimento infantil nos níveis cognitivo, emocional e social (Alvarenga, Malhado & Lins, 2014).

Em função da complexidade da relação *genitores-filhos(as)* e seu papel no desenvolvimento de habilidades importantes para a criança, assim como no manejo de problemas de comportamento, vem se investindo em *Programas de Treinamento Parentais*. Esses programas buscam melhorar as práticas e habilidades parentais, prevenindo agravos do desenvolvimento e a redução de comportamentos infantis difíceis (Homem, Gaspar, Seabra-Santos, Azevedo & Canavarro, 2013). Além disso, os programas podem auxiliar os genitores na aquisição de novos conhecimentos e habilidades para prevenir abuso e negligência na infância, diminuir riscos de maus-tratos e possibilitar aquisição de resultados satisfatórios em relação à redução da agressão de pais contra filhos, além da melhoria do comportamento dos pais (Santini & Williams, 2016).

O Programa ACT (acrônimo para *Action*) - cujo nome original era: *Adults and Children Together (ACT) Against Violence Parents Raising Safe Kids Program* - foi desenvolvido pela *American Psychological Association (APA)*. O objetivo é ajudar pais e cuidadores a aprimorarem suas técnicas parentais e prevenir maus-tratos infantis (Silva, 2009). Treina os profissionais e famílias para compreenderem os comportamentos infantis apropriados para cada etapa do desenvolvimento, enfatizando a importância de os genitores desenvolverem um papel parental positivo, a fim de monitorar e guiar o comportamento dos(as) filhos(as) sem o uso da violência (Silva & Williams, 2016).

Em contextos que o Programa ACT foi aplicado, os resultados obtidos revelaram que o Programa foi eficaz na modificação de práticas parentais e na melhoria de práticas parentais positivas (Knox & Burkhart, 2014). Verificou-se, também, redução da disciplina física, além de menores índices da violência psicológica e verbal com os filhos (Portwood, Lambert, Abrams & Nelson, 2011). A participação no programa ACT aumentou o conhecimento dos genitores sobre desenvolvimento infantil e uso da disciplina positiva (Porter & Howe, 2008). Tendo em vista o exposto, o objetivo do presente estudo foi caracterizar as aprendizagens de mães, concluintes do Programa ACT, em relação a suas práticas parentais, envolvimento materno e comportamento dos(as) filhos(as).

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que faz parte de um projeto maior denominado “ACT – Programa de treinamento parental, para pais de crianças de dois a oito anos de idade”. O programa é realizado em 8 (oito) sessões grupais, que abordam: (i) Comportamentos dos filhos; (ii) A Violência na vida das crianças; (iii) Como os pais podem entender e controlar a raiva; (iv) Como entender e ajudar crianças quando elas têm raiva; (v) As crianças e os meios eletrônicos de comunicação; (vi) Disciplina e estilos parentais; (vii) Disciplina para comportamentos positivos; (viii) Leve o Programa ACT para sua casa e sua comunidade.

Participantes

Participaram deste estudo qualitativo 7 (sete) mães (com idades de 35 a 42 anos) de crianças com idades entre três e oito anos. Quatro das participantes eram mães de meninas e a média de idade da criança focal era de 5 (cinco) anos. Todas as mães tinham ensino superior completo e algumas possuíam especializações em suas áreas de atuação. A média de renda de cada família era de aproximadamente R\$ 14.000,00. Três participantes tinham dois filhos(as) e as demais um(a) filho(a). Na Tabela 1 é apresentado o perfil de cada uma das participantes. Para apresentação dos resultados, as mães foram nomeadas de P01 a P07.

Tabela 1*Perfil sociodemográfico das participantes do estudo*

Participantes	Idade (anos)	Escolaridade	Estado civil	Idade do(a) filho(a)* (anos)	Gênero do (da) filho(a)	Renda familiar (R\$)
P01	42	Superior completo	Divorciada	7	F	5 mil
P02	40	Superior completo	Casada	8	F	15 mil
P03	39	Superior completo	Casada	3	M	35 mil
P04	39	Superior completo	Casada	3	M	7 mil
P05	39	Superior completo	Casada	3	F	5 mil
P06	40	Superior completo	Casada	7	M	25 mil
P07	35	Superior completo	Casada	5	F	7,5 mil

*Quando a participante tinha mais de um filho(a), foi solicitado a ela que falasse sobre os seus aprendizados do Programa do ACT de um dos(as) filhos(as) – aquele que ela acreditava ter mais dificuldades para lidar - com o objetivo de avaliar o que mudou em função de sua participação no Programa ACT.

A amostra foi selecionada por conveniência, observando a conclusão da participação no Programa ACT. O critério de inclusão adotado foi: (i) mães que concluíram no mínimo seis das oito sessões do programa. Este critério foi escolhido em função da importância do conhecimento adquirido pelas mães durante a realização dos encontros grupais. Cada participante foi identificada com um número, denominado P01, e assim sucessivamente.

Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio da técnica de grupo focal com o objetivo de identificar as percepções, opiniões e sentimentos frente a um tema em um ambiente de interação (Trad, 2009). As mães foram contatadas por telefone e convidadas a participar da presente pesquisa. Durante o grupo focal foram utilizadas perguntas disparadoras para fomentar o diálogo entre as mães.

Para registrar as falas do grupo foram utilizados uma câmera de vídeo e dois telefones celulares, dispostos em locais apropriados da sala para assegurar a qualidade da gravação. Na reunião do grupo focal contou-se com a presença de um observador externo familiarizado com o tema da pesquisa e que realizou anotações em relação à dinâmica do grupo, como recomendado por Trad (2009). Pode-se verificar pelas observações realizadas, integração e colaboração das integrantes em relação as diversas aprendizagens adquiridas com o Programa ACT. A participação das mães foi voluntária, respaldada na garantia de seu anonimato e pela assinatura do Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido – TCLE. A coleta de dados foi realizada em local apropriado e assegurando o sigilo e o anonimato.

Análise dos dados

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos de uma Universidade Federal do sul do país (CAAE: 86396218.4.0000.0121). Foram seguidos os parâmetros éticos sobre a Pesquisa com Seres Humanos nas Ciências Humanas e Sociais, da Resolução CNS 510/16 (Conselho Nacional de Saúde, 2016). Os dados foram organizados com o auxílio do *software ATLAS.ti* versão 8.0 e analisados de acordo com a análise categorial temática de Bardin (2011). As categorias passaram por um processo de análise de juízes, realizada por duas psicólogas que atuavam como psicoterapeutas de família. A equação utilizada para calcular a concordância entre os juízes foi adaptada a partir de uma equação utilizada em estudos de observação (Fagundes, 1999). A concordância obtida nas categorias entre as juízas foi de 75% e de 82,1% com a pesquisadora. O cálculo realizado refere-se ao número de acordos dividido pelo número de acordos somados ao número de desacordos, multiplicado por 100 para resultar na porcentagem.

Resultados

Os resultados foram organizados em quatro categorias, a saber: i) Busca pelo Programa ACT; ii) Contribuições do Programa ACT para a parentalidade; iii) Envolvimento Materno; iv) Importância da interação do grupo no Programa ACT.

i) Busca pelo Programa ACT

Esta categoria diz respeito às razões que levaram as mães a participarem do Programa ACT. Ela encontra-se organizada em duas subcategorias: *Conteúdo do Programa ACT* e *Conhecimento sobre desenvolvimento infantil*.

Conteúdo do Programa ACT: Refere-se à necessidade das participantes em adquirir conhecimento em relação às melhores estratégias para educar os filhos. Nas narrativas, as mães indicaram interesse em receber dicas e aprender ferramentas para lidar com o comportamento da criança. Elas destacaram que buscavam aprender a lidar com seu próprio comportamento, para proporcionar aos filhos(as) interações positivas.

Conhecimento sobre desenvolvimento infantil: Diz respeito à busca de conhecimento sobre como a criança se desenvolve à medida que cresce. As mães relataram ler sobre as fases de vida da criança, conforme evidenciado na fala: “*eu tenho a necessidade de ler mais sobre a fase de desenvolvimento de cinco anos, de sete anos. O que esperar dessa fase da criança (P07)*”.

ii) Contribuições do Programa ACT para a parentalidade

Nesta categoria foram incluídas informações relacionadas às aprendizagens adquiridas pelas mães após a participação no Programa ACT no sentido de aprimoramento de suas estratégias em lidar com os comportamentos dos(as) filhos(as). Foram criadas as seguintes subcategorias: *Compreender as emoções do filho; Compreender as próprias emoções; Desenvolvimento da criança; Práticas parentais; Violência na vida dos pais e das crianças; Exercício da parentalidade.*

Compreender as emoções do filho: A subcategoria integrou aprendizagens das mães referentes à regulação dos estados emocionais das crianças. As mães referiram que o Programa ACT forneceu subsídios para lidar com a raiva da criança, emoção destacada como mais difícil de gerenciar na interação com o(a) filho(a).

Compreender as próprias emoções: A subcategoria abarcou aprendizagens obtidas pelas mães em relação à expressão e regulação de suas próprias emoções. As participantes reconheceram que aprenderam a identificar quando estavam com raiva, conforme abordado na fala: “*Mas claro, depois daqui [referindo-se às sessões], eu consegui ver o que me irrita neles (filhos). O que me faz ficar com tanta raiva? Bem, eu consegui ver direitinho (P01)*”.

Desenvolvimento da criança: Evidenciam-se, nesta subcategoria, aprendizagens referentes aos comportamentos característicos das fases do desenvolvimento da criança. As mães refletiram em relação ao comportamento da criança à medida que avançava em seu desenvolvimento cognitivo, físico e emocional. Mencionaram que cabia a elas proporcionarem experiências de vida a seus(suas) filhos(as), no intuito de prevenir traumas futuros.

Práticas parentais: Esta subcategoria envolve a aprendizagem de estratégias de cuidado e educação dos(as) filhos(as). As mães mencionaram aspectos aprendidos durante a realização do Programa ACT tais como: observar e dar atenção às brincadeiras dos(as) filhos(as); informar-se sobre como a criança está na escola (pois às vezes problemas

vivenciados naquele contexto poderão trazer reflexos no comportamento do(a) filho(a) em casa); pensar junto ao(a) filho(a) soluções para resolver um problema. Este último aspecto pode-se verificar na seguinte fala: “*Então eu paro e falo: vamos arranjar uma solução! O que a gente pode estar fazendo [referindo-se à filha]? Daí a gente coloca várias opções para ela resolver. Dentro disso eu tento criar com ela alguma coisa para melhorar (P02)*”.

Violência na vida dos pais e das crianças: A subcategoria refere-se ao reconhecimento da violência sofrida na infância pelas participantes e seus efeitos na vida adulta. As mães identificaram que o comportamento de gritar é um ato agressivo e que recorrem a essa prática para chamar a atenção do cônjuge, na tentativa que o mesmo perceba que elas precisam de ajuda com os(as) filhos(as), conforme identificado na seguinte narrativa: “*Muitas vezes é com o marido que eu tô querendo gritar. Porque ele está lá dentro vendo o jogo dele. E eu estou ali na sala, com uma criança grudada aqui para ajudar, com outra ali querendo fazer deveres (P01)*”. Reconhecem que se incomodam quando o cônjuge grita com os(as) filhos(as). Relatam conversar com seus parceiros sobre o assunto, motivando-os a perceberem os efeitos do grito na educação das crianças.

Exercício da parentalidade: Esta subcategoria trata do conhecimento adquirido para o exercício da parentalidade, tanto das participantes quanto do cônjuge. As mães refletiram que sua participação no programa possibilitou novas posturas com o(a) filho(a), diversas trocas e interações com o cônjuge, que vem auxiliaram-nas visualizarem comportamentos e interações mais possíveis com a criança.

iii) Envolvimento materno

Nesta categoria incluem-se aspectos do envolvimento das mães no desenvolvimento psicossocial da criança e sua percepção da participação do cônjuge tanto no cuidado da criança, bem como nas atividades domésticas. Destacam-se *Atividades proporcionadas para e com o(a) filho(a)*; *Percepção das atividades realizadas pelo cônjuge com o(a) filho(a)*; *Percepção da participação do cônjuge em atividades domésticas*, como as subcategorias presentes.

Atividades proporcionadas para e com o(a) filho(a): São atividades relacionadas ao momento de brincar com os(as) filhos(as). As mães percebem que, muitas vezes, não têm paciência para brincar, como no exemplo: “*Bater bafo. Duas vezes para cada um.*

Encerrou a brincadeira (P06)”. Ou, como relata outra mãe: *“Porque eu não tenho paciência pra brincar. Esse é meu ponto fraquíssimo. Sentar pra brincar de boneca pra mim é pra morrer(P05)*”. Quando elas brincam sentem-se como se fossem recriadoras dos(as) filhos(as), conforme narrativa: *“Eu chego em casa, está uma meia-luz, as crianças deitadas na sala vendo uma televisãozinha. Aí eu abro a porta, eles disparam; parece que chegou a recreação! Aí eu abro a porta e vêm as crianças: mamãeeee (P01)!”*

Percepção das atividades realizadas pelo cônjuge com o(a) filho(a): Abrange as brincadeiras realizadas pelo pai com o(a) filho(a), conforme relato das mães. As participantes apontam que percebem o parceiro brincando com o(a) filho(a) de videogame, toca, cabana, pescar, futebol. Salientam que visualizam os parceiros realizando brincadeiras mais turbulentas e de rua, conforme indicado: *“Ele brinca [referindo-se ao cônjuge]. Mas de boneca eu nunca vi ele brincando”(P05)*.

Percepção da participação do cônjuge em atividades domésticas: São as atividades desenvolvidas pelo pai da criança no contexto doméstico. As mães reconhecem a participação masculina nas atividades de casa, conforme ilustrado na seguinte narrativa: *“Ele cozinha, lava louça (P05)”*. Porém, indicam que os parceiros estão se adaptando a tais atividades, conforme exemplificado: *“esses dias disse para ele [referindo-se ao cônjuge]: vai chegar a compra do supermercado (...). Eu não falei: pega e guarda. Porque geralmente, o que iria acontecer, ele iria receber e a compra ia ficar lá no chão esperando alguém colocar no lugar. Aí ele resolveu guardar. Aí eu abri a geladeira e tinham dois shampoos do Minions lá dentro(risos) (P01)”*.

vi) A importância da interação do grupo no Programa ACT

A categoria indica os aprendizados proporcionados por meio das trocas durante o desenvolvimento das sessões de grupo do Programa ACT. As mães relataram percepções e reflexões provocadas pelas trocas com o grupo de mães. Dizem que perceberam, nas interações realizadas com as mães, o quanto se apropriaram de conhecimentos e comportamentos para desenvolver na relação com o(a) filho(a). Reconhecem, a partir da escuta de outras mães, angústias parecidas com as que sentem quando o(a) filho(a) apresenta comportamento difícil, além de se identificarem nos desafios de conciliar a vida profissional e a maternidade.

Discussão

O objetivo do presente estudo consistiu em caracterizar as aprendizagens de mães, concluintes do Programa ACT, em relação a suas práticas parentais, envolvimento materno e comportamento dos(as) filhos(as). Os resultados obtidos revelaram aprendizagens significativas das participantes em relação ao conhecimento sobre desenvolvimento infantil, práticas parentais, como compreender e lidar com emoções, como raiva (tanto delas como dos filhos e filhas), reconhecimento das várias formas e práticas da violência com os filhos.

Por meio da análise dos dados, constatou-se que as mães compreendiam que precisavam de conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil no sentido de melhor lidar com cada fase de vida do(a) filho(a). O apoio e a ampliação do conhecimento contribuíram para o vínculo mãe-filho(a), assim como representa um fator de proteção para a própria saúde materna, uma vez que estas passam a ter mais informações sobre as necessidades infantis, conseguindo atendê-las, além de sentir-se melhor no desenvolvimento do papel materno (Shah & Lonergan, 2017). Pesquisa tem mostrado que a estimulação cognitiva adequada da criança proporciona benefícios para a saúde mental e desenvolvimento infantil (Stein, Pearson, Goodman, Rapa, Rahman, McCallum, Howard & Pariente, 2014). Nesse sentido, o Programa ACT auxiliou as participantes a melhorarem seus conhecimentos e compreender que cada fase de desenvolvimento do(a) filho(a) requer novos conhecimentos e habilidades por parte delas.

Outro dado que merece destaque é o reconhecimento da necessidade por parte das participantes sobre o aprendizado de novas estratégias para lidar com o comportamento dos(as) filhos(as), adotando novas práticas parentais. Esta indicação vai ao encontro do objetivo do programa que visa desenvolver, junto aos seus participantes, práticas parentais mais saudáveis e prevenir maus-tratos na infância (Silva, 2009). O conhecimento de práticas parentais e o uso das mesmas está relacionado a melhoria de sua confiança em educar, diminuição do estresse parental e aumento do bem-estar psicossocial dos pais (Sanders, Ralph, Sofronoff, Gardiner, Thompson, Dwyer & Bidwell, 2008). Revisitar como foram aprendidas as práticas parentais utilizadas, como elas vem sendo desenvolvidas e como podem ser reorganizadas, constitui-se em fator protetivo para o desenvolvimento infantil mais saudável.

As crianças dependem do apoio de seus pais para expressar suas emoções e percebê-las em outras pessoas (Mendes & Ramos, 2020). Os achados deste estudo revelaram que as mães participantes do Programa ACT atentaram-se para a manifestação de emoções (especialmente a raiva) e estratégias para auxiliar os(as) filhos(as) que praticassem autogestão de suas emoções. Em estudo realizado por Criss, Morris, Ponce-Garcia, Cui e Silk (2016), os autores, ao pesquisarem um grupo de adolescentes, identificaram que os jovens que tinham a participação dos pais no ensino de como lidar com a raiva e tristeza, eram mais bem sucedidos em regular sua própria raiva e tristeza. Investir no trabalho com genitores e na regulação das emoções dos(as) filhos(as) possibilita aprendizagens tanto no momento presente como na vida futura do(a) filho(a), contribuindo para um desenvolvimento humano mais saudável (Power, Beck, Garcia, Aguilar, Hopwood, Ramos, Guerrero, Fisher, O'Connor, & Hughes, 2020).

As participantes reconheceram que expunham seus(as) filhos(as) à violência quando gritavam com os(as) mesmos(as), com seus parceiros ou visualizam seus parceiros gritando com os(as) filhos(as). Perceberam que essa era uma estratégia educativa utilizada com seu(sua) filho(a) e, principalmente, que era a mesma estratégia a que tinham sido submetidas quando crianças. Tal achado evidencia que geralmente a violência contra a criança envolve uma relação assimétrica, que pode ocorrer de diferentes formatos e em diferentes grupos econômicos e sociais (Malta, Mascarenhas, Bernal, Viegas, Sá & Silva Junior, 2012). Pais que sofreram violência na infância apresentam maior probabilidade de usar estratégias rígidas de disciplina, espancando e agredindo verbalmente os(as) filhos(as) e, desse modo, tendem a realizar menos estratégias parentais positivas no cuidado e interação com eles(as) (Marin, Martins, Freitas, Silva, Lopes, & Piccinini, 2013).

A efetivação da violência dos pais com os(as) filhos(as) pode estar associada a satisfação conjugal. Em estudo realizado por Wang, Xing e Zhao (2014), o uso da punição corporal era mais presente quando os parceiros estavam menos satisfeitos com a relação conjugal. Os pais e mães eram menos rígidos com os(as) filhos(as), quando se comunicavam positivamente com os parceiros (Schofield, Conger, & Conger, 2017). Esta informação é ratificada no depoimento das mães do presente estudo, quando mencionavam que gritavam com seus(as) filhos(as) quando na verdade queriam atenção do parceiro para ajudá-las no cuidado dos(as) mesmos(as). Frente ao exposto,

entende-se que abordar o tema da violência na infância com os genitores de crianças representa um investimento em prevenção em saúde pública, tendo-se em vista que as consequências (desregulação emocional, impulsividade, memória de trabalho, transtornos mentais, abuso de substâncias, obesidade) de tal exposição podem ser severas e crônicas tanto na infância como na fase adulta (Ziobrowski, Buka, Austin, Sullivan, Horton, Simone & Field, 2020).

A vivência de uma parentalidade positiva afeta o desenvolvimento infantil. Aspectos como supervisão parental, envolvimento entre pais e filhos(as), relações familiares de qualidade, expressão de emoções e regras familiares consistentes proporcionam experiências significativas à relação *genitores-filhos(as)* (Kerr, Capaldi, Pears & Owen, 2009). Com base nas aprendizagens vivenciadas com o Programa ACT, as participantes relataram melhorias nas interações com os(as) filhos(as) e conseqüentemente percebiam melhorias da interação dos(as) filhos(as) para com elas, além de terem refletido com seus parceiros maneiras buscarem estratégias para desenvolverem a parentalidade. Dada a intensidade que representa a parentalidade, e, com base nos achados do presente estudo, pode-se inferir que pais com mais conhecimentos e habilidades parentais tendem a lidar melhor a criação e interação com seus filhos e filhas.

Estudos apontam que muitas pessoas acreditam que as mulheres são as principais responsáveis pelos cuidados dos(as) filhos(as) (Carrillo, Bermudez, Suarez, Gutierrez, & Delgado, 2016; Craig & Mullan, 2010). No entanto, os achados do presente estudo indicaram que as participantes reconheciam que seu parceiro era mais envolvido nos cuidados do(a) filho(a) quando comparado ao envolvimento do pai delas durante a infância. Elas relataram que seus parceiros participam mais das tarefas domésticas. Contudo, reconhecem que a participação não é igualitária e vêm-se cuidando mais da casa e dos filhos, o que vai ao encontro do exposto por Bossardi, Gomes, Vieira e Crepaldi (2013).

Em relação ao envolvimento de mães e pais em brincadeiras com os(as) filhos(as), Paquette, Bolté, Turcotte, Dubeaud e Bouchard (2000) indicam que podem existir diferenças na participação de cada genitor. Segundo os autores, o pai tende a realizar brincadeiras mais intensas e agitadas quando comparadas às da mãe, além de estimular as crianças a explorarem novos ambientes e enfrentarem novos desafios. Os achados do presente estudo corrobora com a pesquisa dos autores citados pois as mães relataram que a atividade de brincar com a criança era uma atividade mais realizada

pelo pai. As mães relataram que o pai realizava atividades mais truculentas com o filho. Elas mesmas identificaram que não conseguiam desempenhar tal atividade com a mesma disponibilidade, sendo unânimes em apontar para a falta de “paciência” em brincar com os filhos. Constata-se, conforme os relatos obtidos, que o “brincar ou jogar” com a criança continua sendo uma marca do envolvimento paterno (Lima, Serôndio & Cruz, 2011).

Por último, enfatiza-se que as mães reconheceram a importância dos conhecimentos apresentados pelo Programa ACT. O impacto de programas de treinamento, como o Programa ACT, depende do envolvimento dos pais para modificar seus próprios comportamentos, reduzindo fatores de risco e aumentando fatores de proteção. As participantes enfatizaram que a experiência de estarem em grupo, durante a realização do Programa ACT, foi um estímulo importante para continuarem participando dos encontros semanais, além de auxiliá-las no esclarecimento e apoio quanto às dúvidas e angústias relacionadas aos desafios que verificavam na vivência da maternidade. Este achado corrobora o estudo de Kirby e Sanders (2012), em que os autores sugerem a importância de que os desenvolvedores de programas conversem com o grupo-alvo, escutando-o, pois isso melhora e facilita a qualidade e a relevância do programa, além de aumentar o engajamento dos participantes.

Considerações finais

O presente estudo permitiu caracterizar as aprendizagens de mães, concluintes do Programa ACT, em relação a suas práticas parentais, envolvimento materno e comportamento dos filhos. Ressalta-se a importância do conhecimento proporcionado pelo Programa ACT às participantes do programa. As estratégias e os recursos trabalhados no grupo de mães foram fundamentais para que estas repensassem como haviam sido criadas e como estavam reproduzindo práticas parentais na educação dos(as) filhos(as). A mudança das estratégias das mães, verificada nos relatos, pôde contribuir para que elas repensassem seus comportamentos, como foram aprendendo a agir daquela forma e como poderiam aprender novas estratégias para estarem mais próximas dos(as) filhos(as), acompanhando(a)-os(as) de forma colaborativa em seu desenvolvimento.

A experiência de grupo foi fundamental para a permanência das mães no Programa ACT. Verificou-se que o grupo de mães se constituiu em rede de apoio

significativa, pois as mesmas puderam expressar suas dúvidas e angústias em relação à maternidade, sentindo-se acolhidas e ouvidas por outras que também passavam por aquelas mesmas vivências. Reconhece-se, desse modo, a importância de investimentos em programas parentais, como o Programa ACT, enquanto recursos efetivos na criação de mecanismos de proteção à vivência de uma infância mais saudável.

Aponta-se, como limite do presente estudo, a dificuldade de adesão paterna aos encontros do Programa ACT, uma vez que os pais entendiam que a parceira tinha mais direito de participar deste espaço do que eles, ou mesmo não consideravam este espaço como significativo para sua relação com seu(sua) filho(a). Salienta-se que novas ações precisam ser elaboradas no intuito de trazer o pai para esses espaços, assim como estudos relacionados à participação paterna no Programa ACT. Além de dar voz à participação do pai, esses espaços podem contribuir para compreender as razões que levam as genitoras a assumirem, de forma predominante, o cuidado dos(as) filhos(as). Outra limitação se refere à homogeneidade de renda e escolaridade das participantes do presente estudo. Trabalhar o Programa ACT com mães de diferentes contextos, principalmente os menos favorecidos, representa uma possibilidade de ampliação das estratégias do programa além fomentar ações visando à prevenção universal da violência contra a criança.

Declaração de conflito de interesse: o(s) autor(es) não declaram (em) nenhum potencial conflito de interesse com relação à pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo.

Referências

- Alvarenga, P., Malhado, S. C. B., & Lins, T. C. S. (2014). O impacto da responsividade materna aos oito meses da criança sobre as práticas de socialização maternas aos 18 meses. *Estudos de Psicologia*, 19(4), 305-314. Doi: 10.1590/S1413-294X2014000400008
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Boonk, L., Gijsselaers, H. J. M., Ritzen, H., & Brand-gruwel, S (2018). A review of the relationship between parental involvement indicators and academic achievement. *Educational Research Review*, 24, 10–30. doi: 10.1016/j.edurev. 2018.02.001
- Bossardi, C. N., Gomes, L., Vieira, M. L. & Crepaldi, M. A. (2013). Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. *Psicologia Argumento*, 31(73), 237-246. doi: 10.7213/rpa.v31i73.20267

- Carrillo, S., Bermudez, M., Suarez, L., Gutierrez, M. C., & Delgado, X. (2016). Father's perceptions of their role and involvement in the family: A qualitative study in a Colombian sample. *Revista Costarricense de Psicología*, 35, 101–118.
- Coe, C., Dallosa, R., Stendmona, J., & Rydin-Orsinb, T. (2021). Exploring fathers' experiences of fatherhood through an attachment lens. *Early child Development and care*, 191(11), 1776-1791. doi: 10.1080/03004430.2019.1677631
- Craig, L., & Mullan, K. (2010). Parenthood, gender and work-family time in the United States, Australia, Italy, France, and Denmark. *Journal of Marriage and Family*, 72, 1344– 1361.
- Criss, M. M., Morris, A. S., Ponce-Garcia, E., Cui, L., & Silk, J. S. (2016). Pathways to adaptive emotion regulation among adolescents from low-income families. *Family Relations*, 65, 517–529. doi: 10.1111/fare.12202
- Fagundes, A. J. F. M. (1999). *Descrição, definição e registro de comportamento* (12^a ed.). São Paulo: Edicon.
- Garcia, C. F. & Viegali, J. (2018). Implicações do retorno ao trabalho após licença-maternidade na rotina e no trabalho da mulher. *Fractal: Revista de psicologia*, 30(2), 271-280. doi:10.22409/1984-0292/v30i2/5541
- Homem, T. C., Gaspar, M. F., Seabra-Santos, M. J., Canavarro, M. C. & Azevedo, A. F. (2014). A Pilot Study with the Incredible Years Parenting Training: Does it Work for Fathers of Preschoolers with Oppositional Behavior Symptoms? *Fathering*, 12(3), 262-282. doi: 10.3149/fth.1203.262
- Kerr, D. C. R., Capaldi, D. M., Pears, K. C. & Owen, L. D. (2009). A prospective three generational study of fathers' constructive parenting: Influences from family of origin, adolescent adjustment, and offspring temperament. *Developmental Psychology*, 45, 1257-1275. doi: 10.1037/a0015863
- Kirby, J. N. & Sanders, M. R. (2012). Using consumer input to tailor evidence-based parenting interventions to the needs of grandparents. *Journal of Child and Family Studies*, 21, 626–636. doi: 10.1007/s10826-011-9514-8
- Knox, M. & Burkhart, K. (2014). A multi-site study of the ACT Raising Safe Kids program: Predictors of outcomes and attrition. *Children and Youth Services Review*, 39, 20–24. doi: 10.1016/j.chilyouth.2014.01.006
- Lima, J. A., Serôndio, R. G. & Cruz, O. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: As responsabilidades paternas no quotidiano das crianças em idade escolar. *Revista Análise Psicológica*, 29(4), 567-578. doi: 10.14417/ap.104

- Malta, D. C., Mascarenhas, M. D. M., Bernal, R. T. I., Viegas, A. P. B., Sá, N. N. B. & Silva Junior, J. B. (2012). Acidentes e violência na infância: evidências do inquérito sobre atendimentos de emergência por causas externas – Brasil, 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(9) 2247-2258. doi: 10.1590/S1413-81232012000900007
- Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A. P. C., Silva, I. M., Lopes, R. C. S. & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2),123-132. doi: 10.1590/S0102-37722013000200001
- Milkie, M. A., Bowling, K. M. N. & Denny, K. E. (2015). Does the amount of time mothers spend with children or adolescents matter? *Journal of Marriage and Family*, 77, 355–372. doi: 10.1111/jomf.12170
- Paquette, D., Bolté, C., Turcotte, G., Dubeaud, D. & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: defining and associated variables. *Infant and Child Development*, 9(1), 13–230. doi: 10.1002/1522-7219(200012)9:4<213::AID-ICD233>3.0.CO;2-0
- Porter, B. & Howe, T. (2008). Pilot Evaluation of the “ACT Parents Raising Safe Kids” Violence Prevention Program. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 193-206. doi: 10.1080/19361520802279158
- Portwood, S. G., Lambert, R. G., Abrams, L. P. & Nelson, E. B. (2011). An evaluation of the Adults and Children Together (ACT) Against Violence Parents Raising Safe Kids program. *Journal of Primary Prevention*, 32(3–4), 147–160. doi: 10.1007/s10935-011-0249-5
- Power, T. G., Beck, A., Garcia, K. S., Aguilar, N. D., Hopwood, V., Ramos, G., Guerrero, Y. O., Fisher, J. O., O’Connor, T. M., & Hughes, S. (2020). Low-income Latina mothers’ scaffolding of preschoolers’ behavior in a stressful situation and children’s self-regulation: A longitudinal study. *Parenting*, 1-27. doi: 10.1080/15295192.2020.1820835
- Russo, M. C., Rebessi, I. P., & Neufeld, C. B. (2021). Parental training in groups: a brief health promotion program. *Trends Psychiatry Psychother*, 43(1) – 72-80.
- Sanders, M. R., Ralph, A., Sofronoff, K., Gardiner, P., Thompson, R., Dwyer, S., & Bidwell, K. (2008). Every family: A population approach to reducing behavioral and emotional problems in children making the transition to school. *The Journal of Primary Prevention*, 29(3), 197–222. doi: 10.1007/s10935-008-0139-7
- Santini, P. M. & Williams, L. C. (2016). Parenting programs to prevent corporal punishment: A systematic review. *Paidéia*, 26(63), 121–129. doi: 10.1590/1982-43272663201614
- Schofield, T. J., Conger, R. D., & Conger, K. J. (2017). Disrupting intergenerational continuity in harsh parenting: Self-control and a supportive partner. *Development and Psychopathology*, 29, 1279-1287. doi:10.1017/S0954579416001309

- Shah, S., & Lonergan, B. (2017). Frequency of postpartum depression and its association with breastfeeding: A cross-sectional survey at immunization clinics in Islamabad, Pakistan. *Journal of the Pakistan Medical Association*, 67(8), 1151–1156.
- Silva, J. (2009). *Programa ACT para Educar Crianças em Ambientes Seguros, Manual do Facilitador e Guia de Avaliação*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Silva, J. A. & Williams, L. C. A. (2016). Um estudo de caso com o Programa Parental ACT para Educar Crianças em Ambientes Seguros. *Temas em Psicologia*, 24(2), 743-755. doi: 10.9788/TP2016.2-19Pt
- Schmidt, B., Gomes, L. B., Bossardi, C. N., Bolze, S. D. A., Vieira, M. L. & Crepaldi, M. A. (2019). Envolvimento parental e temperamento de crianças: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 12(1), 75-103. doi: 10.4013/ctc.2019.121.04
- Stein, A., Pearson, R. M., Goodman, S. H., Rapa, E., Rahman, A., McCallum, M., Howard, L. M., & Pariante, C. M. (2014). Effects of perinatal mental disorders on the fetus and child. *The Lancet*, 384(9956), 1800–1819.
- Trad, L. A. B. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 19(3), 777-796. doi: 10.1590/S0103-73312009000300013
- Wang, M., & Xing, X. (2014). Intergenerational transmission of parental corporal punishment in China: The moderating role of spouse's corporal punishment. *Journal of Family Violence*, 29, 119-128. doi:10.1007/s10896-013-9574-1
- Ziobrowski, H. N., Buka, S. L., Austin, S. B., Sullivan, A. J., Horton, N. J., Simone, M., & Field, A. E. (2020). Using latent class analysis to empirically classify maltreatment according to the developmental timing, duration, and co-occurrence of abuse types. *Child Abuse & Neglect*, 107, Article 104574.

Recebido em 13 de março de 2022

Aprovado em 24 de abril de 2024

Luciane Guisso: Psicóloga, Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina;

Maria Aparecida Crepaldi: Psicóloga, Pós-doutora em Psicologia pela Universidade do Québec em Montreal – UQÀM e Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP, professora titular aposentada pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Mauro Luís Vieira: Psicólogo, Pós-doutor em Psicologia pela Dalhousie University (Halifax - Canadá) e pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professor titular do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina;